

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM LICENCIATURA EM FILOSOFIA

GUILHERME DOS ANJOS LIMA

A BELEZA COMO LINGUAGEM

ANÁPOLIS-GO
2017

GUILHERME DOS ANJOS LIMA

A BELEZA COMO LINGUAGEM

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação da Prof. Pe. João Batista.

ANÁPOLIS-GO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

GUILHERME DOS ANJOS LIMA

A BELEZA COMO LINGUAGEM

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação da Prof. Pe. João Batista.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pe. João Batista
ORIENTADOR

Nome do Convidado
CONVIDADO

Nome do Convidado
CONVIDADO

A BELEZA COMO LINGUAGEM

Guilherme dos Anjos Lima¹

Pe. João Batista²

RESUMO: Este trabalho foi realizado dentro da área da filosofia da linguagem, para lembrar que ela não foi esquecida, mais está presente no nosso dia a dia. Com o objetivo de mostrar se realmente a beleza pode ser vista como linguagem, partindo de alguns conceitos, para depois observar se realmente ela pode-se encaixar a um tipo de linguagem e chegar ao mais importante: qual a sua mensagem?

Palavras-chave: Via. Ponte. Beleza.

1 INTRODUÇÃO

Um falar sem pensar não comunica nada, pensamento e linguagem são unidos, não se separam, conhecendo o processo do ato psicológico do conhecimento humano, se vê então que o homem chega a conhecer a essência das coisas e através da linguagem humana expressa a essência por meio de palavras convencionais. A linguagem traduz, determina e é veículo do pensamento humano. O homem é dotado da capacidade de falar e pensar, logo, quando pensa, exprime suas ideias, pensamentos, discursos pela fala, por uma língua, ou seja, tudo isso só acontece pela beleza da linguagem. Tudo o que há no mundo comunica algo aos homens.

A linguagem é expressão do ser, já que toda realidade está constituída linguisticamente, pode-se observar que o pensamento se une a linguagem. Existe uma unidade entre pensamento e linguagem. É necessário a linguagem para se comunicar, pois o homem necessita se comunicar, e esse processo se inicia no pensamento, uma grande distinção é que o homem e o papagaio falam, mas o papagaio não pensa pois é irracional, e como o homem é racional pode exprimir suas ideias pela linguagem, principalmente quando se trata da beleza como

¹ Seminarista e Graduando do 3º ano de Filosofia.

² Orientador no curso de Licenciatura em Filosofia na Faculdade Católica de Anápolis.

linguagem.

Ora, sendo assim, pode-se dizer que a beleza serve como uma *via*,³ que conduz a Algo, quer atrair a este Algo, quer manifestá-lo, ou seja, serve de instrumento de comunicação deste Algo, por isso, é possível falar da beleza, mesmo sendo está algo abstrato, porém manifesto como linguagem.

No presente trabalho, será esclarecido se realmente - segundo a afirmação feita acima - a beleza pode ser vista como linguagem, tratando primeiramente sobre o conceito da linguagem, depois, tentando caracterizar a beleza a um tipo de linguagem, ou melhor, a uma expressão desta, o signo, e ainda, delimitando a beleza às classificações deste, para chegar ao mais importante: qual a sua mensagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LINGUAGEM

Como este é um trabalho da Filosofia da Linguagem e não da Filosofia da Arte, não teria sentido fixar na questão da beleza em si - mesmo não podendo fugir desta questão - mas somente desta - como enuncia o título do trabalho - como linguagem. Poderia falar da “beleza *da* linguagem”, mas seria restringir muito algo de tanta amplitude, e além disso, certamente esta não *suscita* tanto *impacto*⁴ como a “beleza *como* linguagem”, apesar de ambas serem a mesma beleza, porém a forma como se manifestam são diferentes, por exemplo: ver um belo pôr do sol, suscita mais impacto do que ler uma bela poesia sobre o pôr do sol.

Sendo a beleza algo abstrato, é preciso deixar claro neste trabalho, qual forma de linguagem, ou, quais formas de linguagem seriam mais adequadas aplicar à beleza, linguagem que suscite impacto, linguagem que manifesta, exercendo realmente um papel de *via*, de *ponte*⁵ - duas palavras chaves que indicam de que

³Esta ideia de “via (caminho)” vem do tema escolhido pela Assembleia Plenária do Pontifício Conselho da Cultura, realizada na Cidade do Vaticano, de 27 à 28 de março de 2006: “Via Pulchritudinis”, o qual será uma das fontes deste trabalho.

⁴Cf. ASSEMBLÉIA PLENÁRIA DOS BISPOS DO CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, *Via Pulchritudinis. O caminho da beleza*, trad. por: C. PASTRO, Loyola, São Paulo 2007, 13.

⁵*Ibid.*, 14.

maneira se deve entender a beleza como linguagem neste trabalho - sendo assim, um instrumento eficaz de comunicação.

2.1.1 Conceito de linguagem

“Essas relações, de que nasce a sociedade dos homens, fundam-se essencialmente no uso da linguagem, na qual, sob diversas formas [...] os homens se manifestam ou manifestam algo aos seus semelhantes, comunicando entre si.”⁶

Poderia talvez substituir - como convém também - na frase citada acima, o conceito homem, pelo conceito *pessoa*, pelo fato deste poder ser aplicado aos homens, mas ter uma extensão maior na sua aplicação, como por exemplo, para Deus - não, porém, da mesma maneira que se aplica aos homens⁷ - pois, esta mudança é significativa para tratar sobre a questão da beleza, da beleza como linguagem, porém será tratado sobre isto mais adiante.

Há um conceito amplo e um conceito restrito de linguagem. Por conceito restrito entendemos o que apenas cobre a linguagem verbal. O conceito amplo inclui todas (sic!) as demais formas assumidas pela linguagem, isto é, todas (sic!) as formas que servem a propósitos comunicativos.⁸

Esta questão do conceito amplo de linguagem identifica-se perfeitamente com o que diz a citação anteriormente citada quando usava o termo: *sob diversas formas*. Que formas seriam estas? *Todas as formas que servem a propósitos comunicativos*.

Em ambas as citações, é interessante notar também, uma palavra que de certa maneira revela aquilo que é o essencial na linguagem: *comunicar*.

Daqui pode-se levantar alguns questionamentos: Quem é esta Pessoa que quer comunicar-se por meio da beleza? O que a beleza quer manifestar sobre esta Pessoa? Pois, como se viu se trata de uma relação, e entre semelhantes.

⁶J. G. H. DE CARVALHO, *Teoria da linguagem. Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*, Tomo I, Atlântida, Coimbra 1967, 13.

⁷Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, Vol I, I, Q. 29, a. 3, rep.. Loyola, São Paulo 2001, 529.

⁸A. G. PENNA, *Comunicação e linguagem*, Fundo de Cultura, Rio de Janeiro 1970, 24.

2.2 O SIGNO

A partir de agora começa a especificar melhor, com qual expressão da linguagem caracteriza melhor a beleza que, ressalvo novamente, sendo abstrata, manifesta-se de diversas formas, tornando-se assim algo comunicável.

Será tratado inicialmente sobre a questão do signo, o qual caracteriza melhor a questão da beleza como linguagem - pelo fato deste (o signo) tratar da linguagem não verbal também - e posteriormente as suas classificações, e em qual delas ajusta-se melhor a beleza, ou se esta adéqua-se com todas elas.

Toda esta questão, porém, relacionada ao signo e as suas classificações, é algo muito difícil de chegar a uma conclusão plausível, pelo fato de haver uma diversidade de autores que tratam de modo tão diferente o mesmo assunto,⁹ o que poderá trazer dificuldades, para compreender o tema, de poder caracterizar realmente a beleza como um signo e de conformá-la nas suas classificações, pois, não é necessário aqui adaptar o signo e suas classificações a beleza, mas antes, a beleza à estes, pelo fato deste trabalho - como já mencionado - ser de Filosofia da Linguagem.

Pode ser que, as definições que serão dadas aqui, segundo as fontes encontradas, não abram espaço para uma definição adequada da beleza como linguagem.

2.2.1 Conceito de signo

As três definições que seguem, são as mais sucintas e claras: “*O signo, no sentido mais geral, designa... um elemento A - de natureza diversa - substituto de um elemento B*”¹⁰; “*signo, ou ‘representame’ é toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medidas*”¹¹; “*um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz, por ela própria, vir ao*

⁹Cf. O. DUCROT; T. TODOROV, *Dicionário das Ciências de Linguagem*, Edição portuguesa orientada por: E. P. COELHO, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1972, 127: “Esta dificuldade aumenta pelo fato de se tentar, nas modernas teorias do signo, ter em conta já não só entidades linguísticas, mas igualmente signos não verbais.”

¹⁰AA.Vv., *Dicionário de Lingüística*. Cultrix, São Paulo 1973, 541: acentuação minha.

¹¹C. S. PEIRCE, *Lógica enquanto Semiótica. A Teoria dos Signos* em: D. PIGNATARI, *Informação, Linguagem, Comunicação*, Cultrix, São Paulo 1980, 24: acentuação minha.

*pensamento qualquer outra coisa*¹². É interessante ver, como as definições cronologicamente (Agostinho, Peirce, dicionário), vão simplificando-se.

Vale a pena ressaltar alguns pontos contidos nestas três definições: primeiramente, algo fundamental, essencial: a questão da *substituição* (mesmo que na definição de S. Agostinho não esteja explícita), depois, *elemento de natureza diversa* (definição do dicionário), *sob certos aspectos e em certas medidas* (definição de Peirce), e também, *faz vir ao pensamento qualquer outra coisa* (definição de S. Agostinho).

Estes pontos vão, certamente, direcionar melhor o desenvolvimento da ideia da beleza como linguagem, ajudando a formar um conjunto e uma ideia única sobre o tema proposto.

Será apresentado mais de perto cada um destes pontos.

Inicia se aqui com aquilo, que parece ser o mais fundamental, essencial: a questão da *substituição*: *substituir* é “pôr (-se) em lugar de; trocar (-se); ser, existir ou fazer-se em vez de; executar as funções e o serviço de; tomar o lugar de”¹³, ou seja, o *substituto* é “aquele que faz as vezes de outra coisa ou de outra pessoa”¹⁴.

Observa-se aqui que, há uma congruência nas definições de substituição, substituto, e signo, deixando mais claro e fazendo entender melhor a importância do conceito de substituição neste contexto, e que este, é realmente algo fundamental, essencial. Porém, é de se notar também que, não é devido aplicar todos estas definições de substituição à beleza, como por exemplo: “tomar o lugar de”, pelo fato que, definições como esta - aplicadas à beleza - acabam distorcendo o sentido da mesma, ou seja, do seu verdadeiro papel, da sua verdadeira função, e aqui, de modo particular, desta como linguagem, pois assim, esta acaba tornando-se um fim, e não um meio de comunicação, como atesta, por exemplo, S. Agostinho, segundo a sua própria experiência¹⁵.

Bem, mas aqui se trata de um único ponto, e mesmo que este seja fundamental, essencial, é preciso ver a coisa num todo, por isso, segue-se aqui

¹²S. AGOSTINHO em: DUCROT; TODOROV, 127: acentuação minha.

¹³AA.VV., *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro 2004, 695.

¹⁴R. JOLIVET, *Vocabulário de Filosofia*, Trad. por: G. D. BARRETO, Agir, Rio de Janeiro 1975, 211.

¹⁵Cf. S. AGOSTINHO, *Confissões*, IV, 13, 20, Paulinas, São Paulo 31984, 96: “Ignorando tudo isto, eu amava as belezas terrenas e caminhava para o abismo, dizendo aos meus amigos: ‘Amamos por acaso algo que não seja o belo?’”.

outros pontos, para poder chegar a uma conclusão que satisfaça e revele o real conteúdo do tema proposto.

O segundo ponto a ser refletido, seria sobre a questão de que, os *elementos* que servem como signo, são *de natureza diversa*. Na linguagem filosófica - de modo particular na Metafísica - natureza é sinônimo de essência, ou seja, “o conjunto de determinações que fazem que uma coisa seja o que é e se distinga (sic!) de outra qualquer”¹⁶, e é exatamente a natureza que gera esta diversidade, que depois ganha uma extensão numérica pelo ser, o qual dá existência à essência. Em outras palavras, os elementos que servem como signo, são essencialmente diferentes daquilo ou daquele que eles fazem às vezes. Um princípio muito importante, segundo o contexto que está sendo trabalhado aqui, pois os elementos que servem de signo, os quais a beleza se utiliza para ganhar forma, de maneira alguma poderiam confundir-se com Aquele que eles substituem, representam.

O terceiro ponto vai tornando toda a questão da beleza como linguagem em algo mais concreto e conduz para a continuidade do desenvolvimento deste trabalho.

Na definição de signo de Peirce, este afirma que, as coisas que servem de signo, apresentam-se a nós *sob certos aspectos e em certas medidas*. Bem, uma coisa que tem certo aspecto e certa medida - aqui se trata dos acidentes - só pode ser algo substancial, mais especificamente, material. Não podemos aplicar estes dois termos - aspecto e medida - a algo imaterial. Sendo assim, como falar ainda da beleza como linguagem, se esta é abstrata, imaterial? Para falar da beleza como linguagem, ou seja, de uma coisa, um elemento, capaz de manifestar algo, de ser instrumento de comunicação; para falar da beleza como signo, ou seja, algo capaz de substituir algo, representar algo, sendo uma espécie ingerida pelos sentidos, então deveria esta, antes, *ser, existir*, de algum modo, sob qualquer forma, pois para falar de linguagem (humana), é necessário falar de matéria, pois a mesma se utiliza da matéria para tornar-se comunicável.

Particularmente, ninguém nunca viu a beleza, ela mesma, “andando por aí”, sendo assim, onde vê-la? “pois diz-se (sic!) belo aquilo que agrada o olhar”¹⁷ -, onde encontrá-la? Resposta: em tudo o que é, em tudo o que *existe*, pois a beleza “é uma característica de todo e qualquer ente, logo sendo comum a tudo o que

¹⁶JOLIVET, 83.

existe¹⁸, os quais percebe sob diversas formas, formas das quais a beleza é o *esplendor*¹⁹, e pelas quais ela (a beleza) se manifesta, e pelas quais se enxergam as propriedades desta - *integridade ou perfeição; proporções requeridas ou harmonia; esplendor*²⁰ - pelo *intelecto*²¹, e independente se a percebo ou não, a beleza “está nas coisas”²²; e quando nestes faltam estas propriedades que caracterizam o belo (*pulchrum*), encontra-se assim, aquilo que muitos chamam de feio, ou seja, a *privação*²³ da beleza, e isto se vê particularmente nas coisas artificiais, criadas pelo homem.

Aqui há uma informação de relevância: *todos os entes* (tudo o que é, que *existe*) - enquanto belos²⁴ -, ou seja, dentro do contexto do trabalho - servem a propósitos comunicativos, *manifestam* a beleza, que *comunicam* algo. E é exatamente este manifestar, comunicar, que introduz ao quarto ponto; quando S. Agostinho, na sua definição de signo, diz que o signo, é uma coisa que *faz vir ao pensamento qualquer outra coisa*, aplicando nesse contexto, é possível dizer que: todo ente faz - ao menos deveria fazer - vir ao pensamento - pelo fato de também ser belo - vir ao pensamento outra coisa.

2.2.2 Classificações do signo

É necessário delimitar ainda mais o tema, para tentar especificar a beleza como linguagem que, como já se constou, pode ser considerada como linguagem (no sentido amplo), mais especificamente como signo.

Agora, porém, será abordado as classificações do signo, e aqui vale a pena lembrar que, os termos *via* e *ponte*, são essenciais para tratar da beleza neste contexto comunicativo, já indica de que maneira pode-se caracterizar melhor a beleza (como linguagem), segundo as classificações do signo.

¹⁷St., Q. 5, a. 4, sol. 1., 199.

¹⁸T. KIENINGER, *Apostila de Metafísica II*, Institutum Sapientiae, Anápolis 2011, 26: aqui se trata dos transcendentais: o uno, o verdadeiro, o bom e o belo.

¹⁹Cf. S. ALBERTO, *De pulchro*. Mandonnet, 427 em: *Ibid.*, 35.

²⁰Cf. St., Q. 39, a. 8, sol. 1, 635.

²¹KIENINGER, 38.

²²*Ibid.*, 32.

²³Cf. J. A. TOBIAS, *Feiúra*. O que é e como se cura, AM edições, São Paulo 1992, 46 em: *Ibid.*, 39.

²⁴A partir de agora, sempre que eu falar de entes, quero designá-los enquanto belos, até que, por algum outro motivo, eu os caracterize de uma outra maneira, ou especifique uma outra coisa.

Uma via (caminho), uma ponte, não tem o fim em si mesma, antes tem como objetivo, ligarem uma coisa a outra, por exemplo: a Ponte Rio - Niterói, no estado do Rio de Janeiro, serve para conectar estas duas cidades, é o ponto de ligação entre ambas. Referindo aqui à beleza, afirmando que esta tem este papel, ou seja, esta tem como objetivo, como função, fazer a conexão dos homens com Algo, é o ponto de ligação entre ambos, não tem - ao menos não deveria ter (como no caso de S. Agostinho já exposto) – o fim em si mesmo.

2.2.3 O ícone, o índice e o símbolo

Essa classificação dos signos baseia-se na natureza da relação mantida pelo signo com a realidade exterior. Os ícones são os signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado.

É preciso aqui esclarecer duas coisas: primeiramente, quando se fala em *relação de semelhança*. Se aplicado aos entes o conceito de linguagem, de signo, e mais especificamente de ícone, sendo assim, é necessário dizer que, estes, terão uma relação de semelhança com o objeto denotado. Porém, o que, ou Quem, pode ser considerado realmente perfeito, harmônico e esplendoroso (propriedades da beleza), para que “todos os entes” tenham algo de semelhante a Este, ou seja, tenham elementos iguais ou parecidos, além dos comuns à espécie²⁵?

Em segundo lugar, esta a questão dos ícones apresentarem a mesma propriedade que o objeto denotado. Neste caso, aqui é claro, pois se trata da beleza, ou seja, a beleza que os entes manifestam já está contida no objeto denotado.

O *índice* (ou sinal) tem, com a realidade exterior uma *relação de contiguidade* (distância), tem a função de *indicar*²⁶, é “aquilo que, num ato de conhecimento, manifesta (ou representa) à potência cognoscitiva, algo diverso dele mesmo”²⁷.

Então, segundo esta definição, os entes - se os identifico agora como índice - querem manifestar à potência cognoscitiva, *algo diverso (diferente) deles*. Trata-se aqui, daquela questão já vista anteriormente, quando foi falado daqueles

²⁵Cf. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, 671: esta ideia de semelhança, será mais detalhadamente desenvolvida posteriormente.

²⁶Cf. *Dicionário de Linguística*, 338.

pontos referentes às definições de signo, mais exatamente, daquele que falava de *natureza diversa*, ou seja, há uma distância, uma diferença, do objeto, com aquilo ou aquele que ele indica, ou seja, ele não é aquilo ou aquele que ele indica. Algo - já falado anteriormente - muito importante para o este contexto, que realmente o objeto (o ente), não tenha a mesma natureza Daquela que ele indica, que realmente seja, diverso, diferente, distante.

Ainda sobre o índice, Carvalho propõe que o índice seja dividido em função de tripla relação: com o conhecedor, com o conhecido e com a sua origem. No que diz respeito ao vínculo que o prende (o índice) ao conhecedor, pode ser classificado em: *instrumental e formal*; quanto à relação que mantém com o objeto conhecido: *natural e convencional*; quanto a sua origem: *espontâneos e intencionais*²⁸.

Falta ainda falar do símbolo:

É um sinal instrumental e intencional, que participa da natureza dos sinais naturais - enquanto unido àquilo que significa por uma relação real (de contiguidade, de mais ou menos vaga semelhança, de analogia) -, e dos sinais convencionais, - enquanto a sua forma, nuns casos, e o seu valor simbólico, em todos, exigem na comunicação um acordo entre os membros do grupo em que funcionam como sinais.²⁹

Antes de tudo, é bom elucidar algumas coisas aqui: o símbolo é um sinal *instrumental e intencional*, ou seja, todo e qualquer objeto (ente) exterior ao conhecedor e que, para funcionar como sinal, deve ser primeiramente, reconhecido como objeto - como algo que é, que *existe* - isto é, em sua própria identidade³⁰, “produzidos por um sujeito, que os faz surgir para que sirvam de sinais, resultando pois de uma acto (sic!) deliberado de vontade, de uma intenção significativa e, particularmente, comunicativa”³¹. Quanto ao ente - neste caso, ele é o nosso objeto - é correto aplicar estes dois termos (instrumental e intencional) a ele, ou seja, que este pode ser identificado como *instrumental*, pelo fato de *ser*, de *existir* e em sua própria identidade, devido a sua essência, e também como objeto *intencional*, porém, neste sentido, será visto mais tarde.

²⁷CARVALHO, 106.

²⁸Cf. *Ibid.*, 108.

²⁹*Ibid.*, 141.

³⁰Cf. *Ibid.*, 110.

³¹*Ibid.*, 121.

A definição diz ainda que, participa da natureza dos sinais *naturais* e *convencionais*: “Convencional não significa necessariamente artificial e arbitrário. Existem convenções mais ou menos objetivamente fundadas... porém seu valor significativo não é inteiramente arbitrário, por se fundar ao contrário em semelhanças ou analogias objetivas.”³²

Isto permite ver, ainda mais, o ente como um símbolo. E mesmo se este fosse algo puramente convencional - mas, como vemos aqui, isto não é correto afirmar -, porém, pelo simples fato de ser, teria certa semelhança ou analogia com o objeto significado, uma “conexão real e intrínseca”³³ com este.

É interessante ver também que, no caso do símbolo, encontramos elementos que se referem ao índice - pois de fato, segundo as definições e fontes aplicadas neste trabalho, este, participa da natureza dos índices (sinais) - mas também elementos que se referem ao ícone, mais especificamente, no que concerne a semelhança.

Depois de expor então, a questão dos signos e suas classificações, convém aplicar o conceito destes à beleza, ou seja, ao ente, pois, devido a sua diversidade de formas, este (o ente), se adéqua a todos os casos.

2.3 A BELEZA - O ENTE ENQUANTO BELO

Até o presente momento, foi falado, de certa maneira, de tudo aquilo o que diz respeito à linguagem - pelo fato que, como já foi mencionado em outros momentos, este é um trabalho de Filosofia da Linguagem -, porém, foi optado por um objeto (a beleza) para trabalhar toda esta questão da linguagem, de modo particular, desta como linguagem, mais especificamente, como signo. Até agora, não ficou claro - ao menos não explicitamente - *Quem*, a beleza quer *substituir*, quer *representar*, já que, afirmado que esta pode realmente ser vista como um signo, ou melhor dizendo, os entes, que tem como propriedade a beleza, pois esta “é uma característica do ser enquanto tal; porém não sendo elemento constitutivo dos entes (como ser e essência), é apenas uma propriedade do ser”³⁴, um transcendental: “essa qualidade (beleza) possui cada ente somente por ser, logo, transcende todas

³²JOLIVET, 202.

³³CARVALHO, 116.

essas diferenciações ou determinações particulares, acidentais e essenciais, e fica com o ser enquanto ser”³⁵.

É necessário continuar desenvolvendo esta ideia da beleza como linguagem, ou seja, de algo manifesto, que quer comunicar algo, e para isso, é preciso continuar percorrendo o caminho já trilhado, de modo particular, falando desta, segundo alguns dos pontos relevados nos conceito de signo e de suas classificações, iniciando por algo fundamental para tratar devidamente deste assunto, ou seja, a analogia³⁶, como possível observar nesta citação: “No plano da linguagem, o pensamento que mantém juntos os distintos no abismo da simetria que os constitui como tais é o pensamento na analogia... Ora, analogia une os diferentes, conservando-os em sua diversidade e mostrando a proximidade das distâncias”³⁷.

2.3.1 A beleza análoga

É necessário agora outra afirmação, baseada na afirmação dada acima, que leva a algo fundamental neste trabalho: revelar Aquele que a beleza manifesta, Alguém que, tem que ser a *causa comum* de tudo (de todos os entes), pelo fato de se ver, em todos eles, o *mesmo efeito* (a beleza), e assim também, justificando a afirmação que esta pode ser tida como linguagem, e responder as perguntas que se levantaram durante este trabalho.

Resulta, portanto, que tudo o que é distinto de Deus não é seu Ser, mas participa do seu Ser. É necessário, por isso, “que todas as coisas que se diversificam conforme participam diversamente do ser, sendo mais ou menos perfeitas, sejam causadas por um ente primeiro, absolutamente perfeito”³⁸.

Como já foi afirmado anteriormente - em diversos momentos -, é nos entes enquanto são, que se encontra a beleza, ser que estes receberam de outro Ser. Falando claramente: é uma participação do ser de Deus. Intrínseco ao ser, como propriedade deste, está a beleza. Se uma pessoa participa do ser de Deus,

³⁴KIENINGER, 32: ser e essência e a vírgula que procede, é um acréscimo meu.

³⁵*Ibid.*, 37.

³⁶Cf. JOLIVET, 18: **Analogia**: Ger. “Relação de semelhança.”; Lóg. “Relação estabelecida entre realidades essencialmente diversas, mas que tem algo de comum.”

³⁷B. FORTE, *A porta da beleza. Por uma estética teológica*, Ideias & Letras, Aparecida 2006, 137.

³⁸St., Vol. II, Q. 44, a. 1, rep.3, 38.

participa conseqüentemente da Sua beleza, ou seja, a beleza (ontológica) que se encontra nos entes não é propriamente destes, mas de Deus, “do qual é belo tudo o que é belo e sem o qual nada pode ser belo”³⁹.

Sempre que Deus for referido, em qualquer que seja o assunto, é preciso falar de modo análogo, não poderia se diferente com a linguagem: “Toda comunicação linguística (sic!) que corresponde a Deus move-se sempre no horizonte daquilo que se torna possível pela analogia”⁴⁰.

Quando se fala de analogia, é mencionada a semelhança, ou seja, de uma *relação estabelecida entre realidades essencialmente diversas, mas que tem algo de comum* (Cf. nota nº 35). O Doutor Angélico quando, na primeira parte da Suma teológica, trata da questão do “Deus Único”, entre outras coisas, trata sobre “a perfeição de Deus”, ele explica detalhadamente toda esta questão de semelhança, especificamente quando responde a seguinte pergunta: “as criaturas podem assemelhar-se a Deus?”. Pode-se responder aqui com as suas próprias palavras: “É pela coincidência ou comunicação na forma, que se entende a semelhança. Assim, há na multiplicidade de semelhanças, segundo diversas maneiras de comunicação na forma”⁴¹. Continua: “Deve-se responder que não se afirma haver semelhança entre Deus e a criatura em razão da comunicação de uma forma segundo a mesma razão genérica e específica, mas apenas segundo uma analogia, pois Deus é ente por essência, os outros, por participação”⁴².

Em outra questão, o Doutor Angélico ainda afirma que: “algumas coisas apresentam semelhança com Deus, primeira e mais comumente, enquanto existem; em segundo lugar, enquanto vivem; terceiro, enquanto têm sabedoria e inteligência”⁴³, mas, nesta questão de semelhança, Sto. Hilário⁴⁴ considera a beleza como um atributo próprio do *Filho*, devido as propriedades desta, as quais se recorda: integridade ou perfeição; proporções requeridas ou harmonia; e esplendor.

³⁹ACARDO DE S. VÍTOR, *De unitate Dei et pluralitate creaturarum* 1,6: texto latino inédito traduzido e apresentado por: E. MARTINEAU, Saint-Lambert des Bois 1987, 74 em: B. FORTE, 26.

⁴⁰E. JÜNGEL, *Dio mistero del mondo*, Queriniana, Brescia 1982, 367 em: *Ibid.*, 34.

⁴¹*St.*, Vol. I, Q. 4, a. 3, rep., 191.

⁴²*Ibid.*, sol. 1, 192.

⁴³*Ibid.*, Vol. II, Q. 93, a. 3, rep., 622.

⁴⁴Cf. S. HILÁRIO em: *Ibid.*, Vol I, Q. 39, a. 8, sol. 1, 635.

2.3.2 A beleza como signo

No sentido da beleza como via, ponte, a interpretação aqui destes dois termos, coincide com o significado de signo, e no que diz respeito às suas classificações, ou seja, que o signo nada mais é do que uma via, uma ponte, que faz esta conexão, esta ligação entre um intérprete (o homem) e Deus, o qual, o signo, quer reproduzir (ícone), indicar (índice), ou ainda, simbolizar (símbolo).

É correto afirmar que: o ente manifesta a beleza que comunica algo sobre Deus. Porém, seria melhor dizer que: Deus, por meio da beleza, manifesta-se, manifesta algo sobre si, comunicando-se com o homem, seus semelhantes, criando assim uma relação.

São insensatos por natureza todos os que desconhecem a Deus, e, através dos bens visíveis, não souberam conhecer Aquele que é nem reconhecer o artista, considerando a suas obras... Se tomaram essas coisas por deuses, encantados pela sua beleza, saibam, então, quanto seu Senhor prevalece sobre elas, por que é o criador da beleza que fez estas coisas.⁴⁵

É preciso, portanto, superar as formas visíveis das coisas da natureza, para chegar ao seu Autor invisível, o Todo Outro... para do visível alcançar o invisível e dar resposta às perguntas: quem é este artífice, de imaginação tão poderosa, que está na origem de tanta beleza e grandeza, com uma tamanha profusão de seres no céu e na terra?⁴⁶

Devido à diversidade de formas, os entes, cada um (segundo o grau dos seres), participam de alguma maneira - de existirem e conseqüentemente serem belos - como um signo. É necessário, porém, formular uma classificação destes, segundo as classificações do signo que já foi apresentado.

Encontra-se o termo, analogia, de modo particular em duas das classificações do signo: no ícone e no símbolo.

Poderia então dizer que, os entes que se caracterizam melhor como ícone, seriam, de modo particular, os entes espirituais, anjos e homens, pelo fato de terem *sabedoria e inteligência*, e por esta razão, como diz Sto. Agostinho, fazê-los de tal modo próximos de Deus na semelhança, que ultrapassa as das outras criaturas⁴⁷, ou seja, reproduzem de modo mais perfeito a beleza de Deus.

⁴⁵Livro da Sabedoria 13, 1.3 em: APB, 27.

⁴⁶*Ibid.*, 27-28.

⁴⁷Cf. S. AGOSTINHO em: *St.*, Vol. II, Q. 93, a. 3, rep., 622.

Mas quando se fala de símbolo, nunca se deve esquecer a questão da convencionalidade. Falar de convencionalidade com relação às coisas criadas pelos homens, não há nada de errado nisso, porém, é possível dizer que a criação de Deus é algo também convencional⁴⁸!? Pois como já se sabe a obra da criação atribuída à Pessoa do Pai, “é a obra comum da Santíssima Trindade”⁴⁹, sendo assim, poderia dizer, uma obra realizada segundo uma “convenção” entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade.

Pelo fato de, já ter sido afirmado que, as criaturas (os entes) são semelhantes a Deus, deveria então descartar a possibilidade destes serem classificados como índice, pois, como já foi visto, na definição de índice, na sua relação mantida com a realidade exterior, não é uma relação de semelhança, mas uma relação de contiguidade (distância).

No contexto em que se trata, porém, isto é totalmente possível, pois, não se esqueça que, esta relação de semelhança que, por exemplo, o ícone e o símbolo apresentam, por estar falando de uma relação de semelhança com Deus, esta deve ser vista de maneira análoga, e aqui abre o espaço para adequar os entes ao índice, pois vistos de maneira análoga, estes (os entes, inclusive os que foram classificados como ícones ou símbolos) devem ter *algo comum* (semelhante) a Deus, uma conexão real e intrínseca, ou seja, neste caso, a participação no ser de Deus, mas também *algo diverso* (contíguo), neste caso a natureza. Como já foi observado – quando se trata da questão do índice - estes são de natureza diversa, é um *objeto que, manifesta ou representa algo diverso dele mesmo*, ou seja, há diferença, há uma distância - neste caso infinita - entre o ente e Deus, porém, pelo fato de ser, de existir, ou seja, participar do Ser de Deus, este tem também - neste caso particular - algo comum, semelhante, com Aquele que ele manifesta ou representa, neste caso, a beleza. Podendo afirmar então que, independente do ente ser considerado um ícone, ou um símbolo, este, antes, é um índice.

É importante lembrar também que, o índice - como já foi dito - é dividido em função de tripla relação: com o conhecedor, com o conhecido e com a sua origem. É necessário chamar a atenção para um detalhe deste último, pois, quanto a

⁴⁸Cf. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, 189: **con.ven.cio.nal** 1. criado por convenção 2. consolidado pelo uso e pela prática <saudação c.> 3. que obedece padrões aceitos; comum <uma beleza c.>...

⁴⁹*Catecismo da Igreja Católica*, Loyola, São Paulo 1^o2000, ed. revisada de acordo com o texto oficial em latim, 86, n^o 292.

sua origem, o índice - como já mencionado - pode ser *espontâneo e intencional*, porém, quando se fala de índice espontâneo, pelo fato de, também possuir *ser*, ou seja, *ser um ente*, também, neste caso, no contexto do trabalho, serve como signo; mas, tratando do ente, metafisicamente falando, não o podem designá-lo como índice espontâneo, somente como algo meramente espontâneo, pelo fato, “que tudo que de qualquer modo exista é feito por Deus”⁵⁰, ou seja, não é certo dizer que existem sem qualquer “ato de vontade e intenção significativa”⁵¹ da parte de Deus, pois se existem, Deus quis que existissem, pois, se possuem ser, receberam este de Deus.

Também se fala a respeito do índice que, este tem a função de indicar, e aqui particularmente, como se trata de Deus, esta indicação que, deve dar os entes a beleza que há nestes, tem então como objeto algo transcendente, ou seja, uma beleza que está além daquela que estes possuem; que é a *origem*, a *fonte*, a *causa comum* desta, pelo fato, de podermos ver este mesmo efeito (a beleza) em todos eles; é um passar “do fenômeno ao fundamento”⁵².

Então pode-se concluir, reafirmando, aquilo que todo o trabalho vai demonstrando: a beleza realmente pode servir como linguagem - de modo particular como signo -, *eficaz*, que *suscita impacto*, que *atrai*, que *manifesta* algo sobre Alguém, e que serve como *meio (via, ponte) de comunicação* Deste, com as outras pessoas, seus semelhantes, criando assim uma relação.

O grande problema atualmente, porém, é que, muitas pessoas perderam a sensibilidade em enxergar esta beleza presente nos entes, ou, se enxergam, tomam esta como fim - como promovem as ideologias materialistas -, e, por este motivo, há uma interrupção desta comunicação, impedindo assim, da parte do homem - pois é com este que Deus quer comunicar-se - esta relação entre ambos.

3 CONCLUSÃO

Durante ao longo do trabalho foi possível ir respondendo diversas questões relacionadas à beleza, para poder afirmar que está, realmente, pode ser vista como linguagem: foi dito que, esta é uma propriedade de todos os entes, pelo

⁵⁰ St., Vol. II, Q. 44, a. 1, rep., 38: o grifo é meu.

⁵¹ CARVALHO, 122.

⁵² JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, n. 83 em: APB, 17.

simples fatos de *serem, existirem*; e que se manifesta na forma dos mesmos; foi exposto também as propriedades desta, ou seja, aquilo que algo possui, que o caracteriza como belo, e como visto também, que ao faltar uma destas propriedades, é possível dizer que algo é feio; e o mais importante, segundo a finalidade do trabalho, é que, a beleza, com seu poder de *atração, remete a pessoa ao transcendente, evoca uma outra realidade, substitui algo, representa Alguém*, pois, “afinal, Deus é tão bom e lindo que, se for visto como Ele é, exerce uma atração irresistível sobre a vontade humana. Por isso ele tem que diminuir a sua força atrativa sobre nós...”⁵³, manifestando-se a nós, comunicando-se conosco, por meio do criado.

Não foi respondido, porém, ao longo do trabalho, uma “interrogação urgente, latente e sempre presente no coração do homem: ‘O que é a beleza?’”⁵⁴.

É possível então afirmar que a linguagem é uma dádiva dada por Deus, até o próprio Deus se comunicou com o ser humano. O homem abstrai as essências dos entes e logo se comunica, exprime-se de alguma forma aos outros. O mundo usa a linguagem para se comunicar e se esquece muitas vezes da beleza, da arte como linguagem, que tanto pode ser utilizada para o bem como para o mal.

A beleza abarca conhecimentos não só de palavras mas da realidade, ela também necessita de um conhecimento intelectual por parte do homem para ser bem expressa. Sendo assim é possível afirmar que não existe a beleza como linguagem sem pensamentos.

A partir da pergunta levantada sobre o quem é a beleza pode-se concluir que:

Se a beleza é o esplendor da verdade, então a resposta é: “Jesus é a Beleza”... Beleza suprema, esplendor da Verdade, Jesus é a fonte de cada beleza... devolveu ao homem, a cada homem, plenamente, a sua beleza, sua dignidade e sua verdadeira grandeza.

4 ABSTRACT

This essay was written within the context of the philosophy of language, to remember that it was not forgotten but is present in daily life. It was written with the end of

⁵³Cf. N. THANNER, *Sapientia Crucis, Institutum Sapientiae*, n° 1, Anápolis 2000, 82.

showing that beauty can really be seen as language, beginning with some concept, proceeding to obsefue it fits within some kind of language to arrive at the most important point: wat's the menssage?

5 REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA em: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan, *Dicionário das Ciências de Linguagem*, Edição portuguesa orientada por: COELHO, Eduardo Prado, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1972.

AQUINO, T., *St.*, Vol. I, I, Q. 29, a. 3, rep.; Q. 5, a. 4, sol. 1; Q. 39, a. 8, sol. 1; Q. 4, a. 3, rep.; Q. 4, a. 3, sol. 1; Vol. II, I, Q. 44, a. 1, rep.; Q. 93, a. 3, rep., São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *De. Suma Teológica*. Vol. I. II, I, Q. 93, a. 3, São Paulo: Loyola, 2001.

ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS DO CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, *Via Pulchritudinis. O caminho da beleza*. São Paulo: Loyola, 2007.

CARVALHO, J. G. Herculano de, *Teoria da linguagem*. Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas, Coimbra: Atlântida, 1967.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 10. ed. rev.de acordo com o texto oficial em latim, São Paulo: Loyola, 2000.

DUBOIS, G. *Dicionário de Linguística*, Cultrix, São Paulo 1973.

DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário das Ciências de Linguagem*, ed. portuguesa orientada por COELHO, E. P., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

FORTE, B. *A porta da beleza: Por uma estética teológica*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

HOUAISS, A. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, n. 83. In: ABP, *Via Pulchritudinis. O caminho da beleza*, trad. por: PASTRO, C. São Paulo: Loyola, 2007.

JOLIVET, R. *Vocabulário de Filosofia*, Trad. por: BARRETO, G. D. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

JÜNGEL, E., Dio mistero del mondo, Queriniana, Brescia 1982, 367. In: FORTE, B., *A porta da beleza: Por uma estética teológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, Vol. IV, 13, 20. São Paulo: Paulina, 1984.

⁵⁴APB, 69-70.

KIENINGER, T., *Apostila de Metafísica II*. Anápolis: Institutum Sapientiae, 2011.
Livro da Sabedoria 13, 1.3 em: APB, *Via Pulchritudinis. O caminho da beleza*, Trad. por: PASTRO, C. São Paulo: Loyola, 2007.

MAGNO, A. De pulchro, Mandonnet. In: KIENINGER, Titus, *Apostila de Metafísica II*. Anápolis: Institutum Sapientiae, 2011.

PEIRCE, C. S. Lógica enquanto Semiótica. A Teoria dos Signos. In: PIGNATARI, D. *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1980.

PENNA, A. G. *Comunicação e linguagem*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

POITIERS, H. De, Tratado sobre a Trindade. In: AQUINO, T. de, *Suma Teológica*, v. I, I, Q. 39, a. 8, sol. 1 São Paulo: Loyola, 2001.

THANNER, N. *Sapientia Crucis*, n. 1, Anápolis: Institutum Sapientiae, 2000.

TOBIAS, J. A., Feiura. O que é e como se cura, 1992. In: KIENINGER, T. *Apostila de Metafísica II*. Anápolis: Institutum Sapientiae, 2011.